

3. Processos de formação e de alteração do registo arqueológico

■ ANA CRISTINA ARAÚJO

3.1. Introdução

Os trabalhos arqueológicos realizados em 1995 na Propriedade A (ver Capítulo I, Fig. 1.3) vieram, em traços muito gerais, confirmar as impressões obtidas no decurso das sondagens realizadas em Toledo pela equipa de David Lubell, não só quanto à organização e características da sequência estratigráfica, mas também sobre as condições de jazida do contexto arqueológico aí documentado (Figs. 3.1 e 3.2).

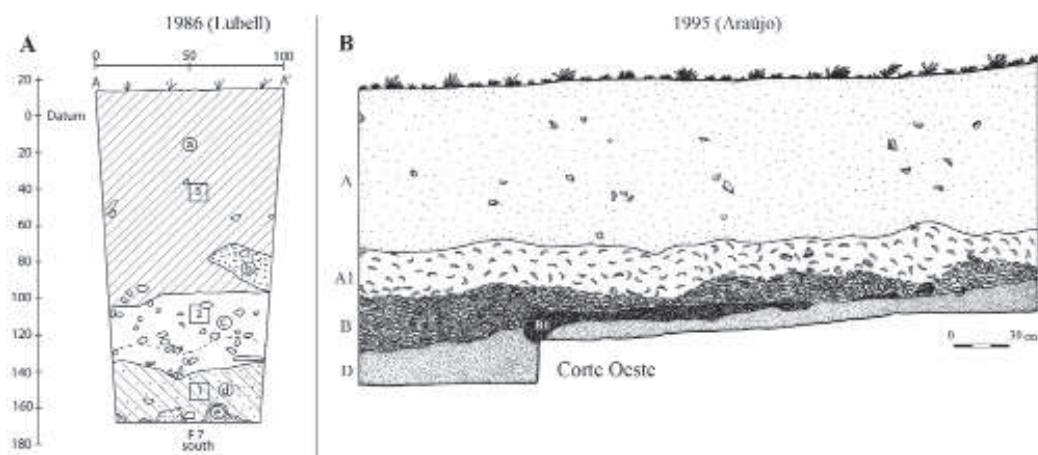


FIG. 3.1 - Toledo: A. Corte Sul da Sondagem F7 (escavações de David Lubell em 1986 na Propriedade A) Legenda: “a - disturbed light grey-brown sandy silty plough zone with scattered lithic artefacts and modern pottery, and including: b - a large burrow containing disturbed midden deposits; c - shell midden: a fine-grained black deposit containing a high concentration of shell, fire-cracked rock and ash, grading into a lower portion that is lighter in colour with shells and no ash; d - brown sand without shell or ash; e - yellow sand without shell or ash.” (Lubell, 1986). B. Corte Oeste da área de escavação aberta em 1995 na Propriedade A. Legenda: “A - camada arenó-siltosa muito compacta e homogénea, de coloração acastanhada, revolvida pelas lavouras; A1 - camada arenosa de coloração castanho-acinzentado, pouco compacta, com muitas conchas, cinzas e alguns artefactos. Faz a transição com o nível de concheiro compacto; B - nível de concheiro compacto embalado em areias e siltes de cor negro-acinzentado, repleto de calhaus angulosos rubefactos, cinzas, conchas, alguns artefactos líticos e fauna. Em alguns sectores este nível encontra-se extremamente concrecionado (B1); D - camada de areias mais grosseiras de cor amarelo-claro, estéril do ponto de vista arqueológico (Araújo, 1995).

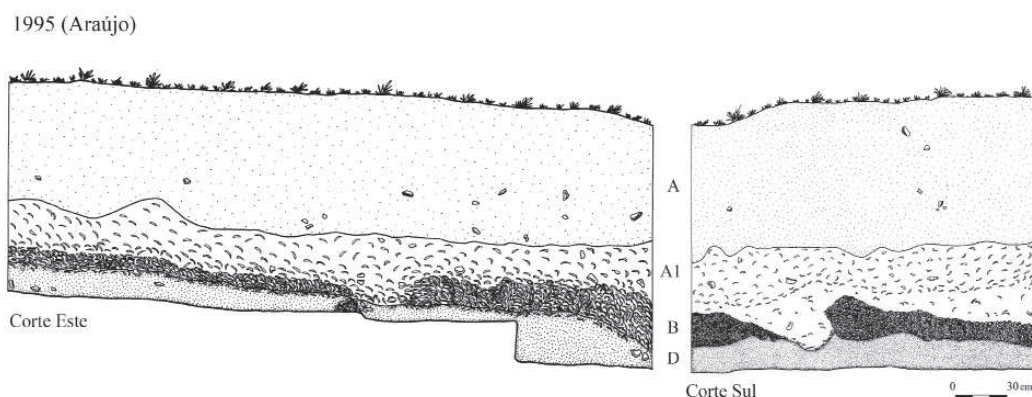


FIG. 3.2 - Toledo: Cortes Este e Sul (escavações de 1995 na Propriedade A). Ver legenda na Fig. 3.1: B.

Esse contexto, materializado pelo concheiro, encontrava-se bem posicionado no interior da Camada 2 de 1986, que tem correspondência com a Camada B de 1995 (ver Fig. 3.1; Tabela 3.1), não obstante se verificarem alterações de natureza pós-deposicional em ambas as sequências escavadas, sobretudo resultantes de práticas agrícolas recentes. Essas alterações provocaram não só o revolvimento parcial do nível de concheiro mesolítico, trazendo para os níveis superiores e mesmo para a superfície materiais arqueológicos produzidos no decurso dessa ocupação, como a intrusão nas camadas inferiores da sequência estratigráfica de vestígios de cronologia mais recente.

TABELA 3.1

Toledo: tabela com as correspondências entre camadas de acordo com o ano de escavação.

PROPRIEDADE A		PROPRIEDADE B		TALUDE		Características e origem da componente sedimentar
1986 *	1995	1997	1998	1997	1998	
Lubell	Araújo	Araújo	Araújo	Araújo	Araújo	
e	D	D	D	D	D	areias amarelas; substrato jurássico
1 / d	ausente	C	C	C	C	sedimento areno-argiloso de coloração acastanhada; elemento de terraço
2 / c	B	B	B	B	B	sedimento areno-argiloso de coloração acinzentada; coluvião
b	A1	A1	A1	A1	A1	sedimento areno-argiloso de coloração castanho-acinzentado; coluvião
3 / a	A	A	A	A	A	sedimento areno-argiloso de coloração castanha; coluvião

* Sondagens F6 e F7

Mas se nos trabalhos realizados em 1995 a ocupação arqueológica documentada na Camada B assentava directamente nas areias amarelas que constituem o substrato jurássico (ver Fig. 3.1: B e Fig. 3.2), nas sondagens F6 e F7 de 1986 ela posicionava-se sobre uma camada intermédia de sedimento castanho areno-argiloso, designada então por Camada 1, que era contudo estéril do ponto de vista arqueológico (ver Fig. 3.1: A e Tabela 3.1).

As escavações realizadas subsequentemente na Propriedade B e no Talude da Estrada (ver Capítulo 1, Fig. 1.3; Fig. 3.3) puseram em evidência uma estratigrafia que não se afasta, genericamente, da descrita para os anos de 1986 e de 1995, verificando-se, porém, uma enorme variabilidade no interior das unidades escavadas, considerando ambos os planos vertical e horizontal, muito raramente passível de ser documentada nos perfis estratigráficos aqui apresentados.

Verificou-se, por outro lado, uma grande complexidade relativamente aos processos de formação do contexto arqueológico, sendo de destacar os seguintes aspectos:

- a) a Camada C surge lado a lado com a Camada B (*i.e.*, sobre um mesmo plano e à mesma cota), desenvolvendo-se posteriormente em profundidade em algumas das unidades escavadas (ver, por exemplo, Fig. 3.4);
- b) ela contém vestígios arqueológicos em tudo semelhantes aos documentados na Camada B. Recorde-se que nas sondagens de 1986 esta camada não continha vestígios de ocupação humana.

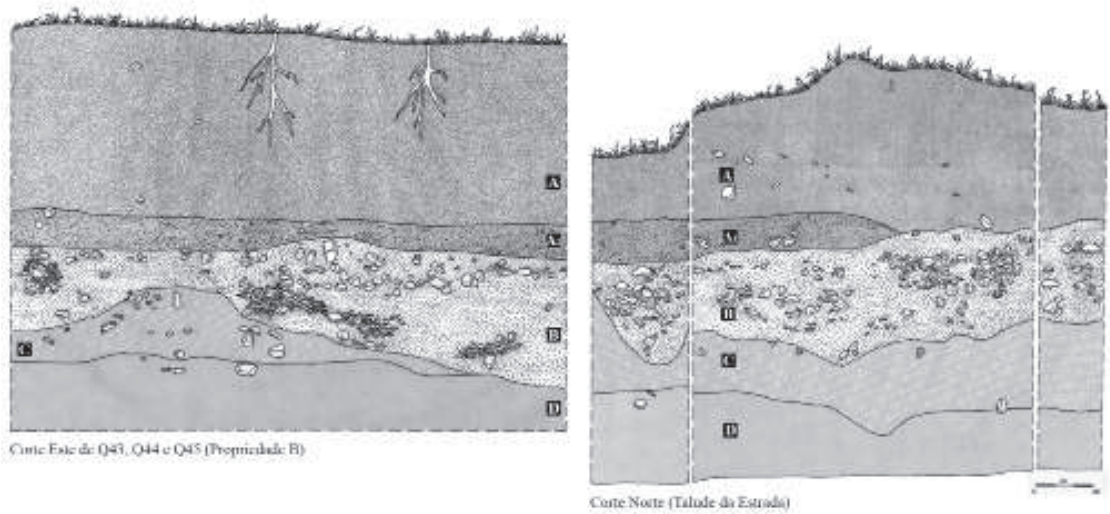


FIG. 33 – Toledo: Corte Este (área aberta na Propriedade B) e Norte (regularização do Talude da Estrada). Legenda: ver texto.

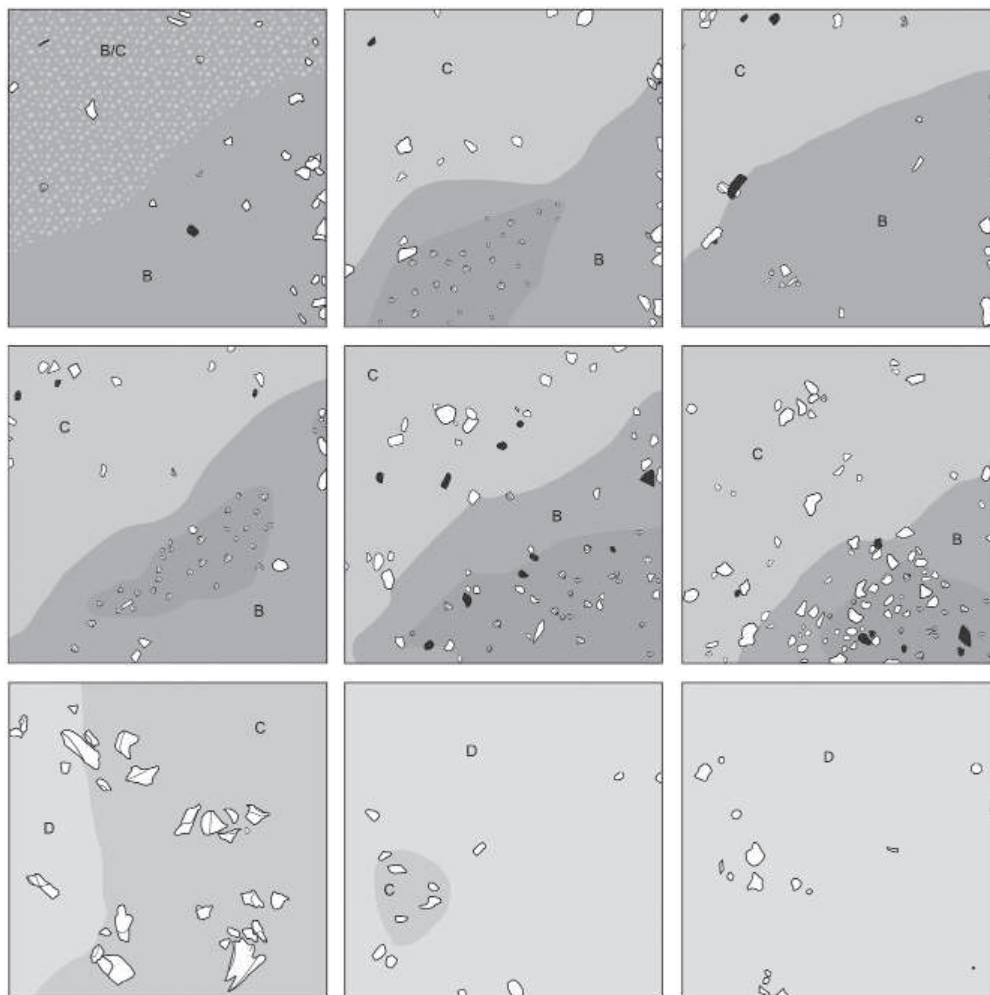


FIG. 34 – Toledo: Q44, plantas de base de nível onde se observa a coexistência de camadas geológicas distintas localizadas lado a lado sobre um mesmo plano.

Em 1998, quando foi publicada uma primeira avaliação crítica da jazida (Araújo, 1998), a presença destas duas camadas (B e C) com características distintas, mas localizadas lado a lado sobre um mesmo plano, foi na altura interpretada como resultando de variações laterais relacionadas com uma maior antropização da Camada B, repleta de inúmeras conchas e adquirindo, por isso, uma coloração mais acinzentada e uma textura mais granulosa, como contraponto a uma camada de sedimento castanho dourado e de textura mais macia (Camada C), que continha igualmente material arqueológico, mas em menor quantidade. Estas duas camadas constituiriam, assim, variações laterais de um mesmo pacote sedimentar (uma mesma unidade geológica) individualizadas a partir do respectivo conteúdo arqueológico. A Camada C desenvolvia-se posteriormente em profundidade, não se encontrando porém representada em todas as unidades escavadas. Com efeito, em alguns dos quadrados, a Camada B assentava directamente nas areias amarelas que constituem o substrato.

O estudo da sequência sedimentar apresentado no Capítulo 2 demonstrou, porém, que as Camadas B e C correspondem, afinal, a duas unidades geológicas distintas, quer do ponto de vista cronológico, quer quanto aos processos que lhes deram origem: a Camada C, mais antiga, possui uma génese claramente fluvial e corresponde a um elemento de terraço sem continuidade lateral; a Camada B, mais recente, tem origem em material coluvionar (Capítulo 2, Fig. 2.7). Constituindo duas unidades com origem e cronologia distintas, como interpretar a realidade documentada no decurso dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997 e 1998 na Propriedade B e no Talude da Estrada exposta nas alíneas a) e b)?

3.2. Arquitectura estratigráfica: arqueologia e sedimentologia

Conjugando os dados de ambas as perspectivas, arqueológica e sedimentológica, a estratigrafia do sítio pode ser descrita da seguinte forma (segundo a ordem de deposição das camadas; Fig. 3.3):

Camada D: representada pelo substrato jurássico, é constituída por arenitos finos de coloração amarela-esbranquiçada de fácil escavação. Foram documentadas no interior destas areias alguns vestígios arqueológicos nos sectores em que a Camada B, do concheiro propriamente dito, contacta directamente com a Camada D e, naturalmente, oriundos da própria Camada C que lhe está sobrejacente.

Camada C: representada por um sedimento areno-argiloso fino de cor castanha-dourada. Para além de não possuir continuidade lateral, ela foi truncada, em algumas das unidades escavadas, pelo horizonte sobrejacente (Camada B). Envolve restos líticos e faunísticos, sendo contudo menos frequente a componente de moluscos (comparativamente à Camada B). A composição do sedimento aponta, para este depósito, uma génese claramente fluvial (elemento de terraço). A ausência desta camada na área de escavação aberta em 1995 na Propriedade A (ver Fig. 3.1: B e Fig. 3.2) pode agora ser explicada com base nos resultados do estudo sedimentológico, segundo o qual esta unidade geológica sofreu processos de erosão diferencial relacionados com fenómenos de escoamento concentrado, não possuindo por isso continuidade lateral.

Camada B: representada por um sedimento areno-argiloso de cor acinzentada, por vezes muito enegrecido, repleto de inúmeras conchas que se apresentam maioritariamente fragmentadas. Contém igualmente restos líticos e faunísticos. A composição do sedi-

mento aponta para uma génese coluvionar. Em alguns dos sectores escavados esta camada penetra directamente nas areias amarelas-esbranquiçadas que constituem o substrato (Camada D). Na transição com a Camada A1, sobrejacente, encontra-se um número considerável de calhaus angulosos cuja presença resulta da própria dinâmica de vertentes (ver, por exemplo, Fig. 3.5).

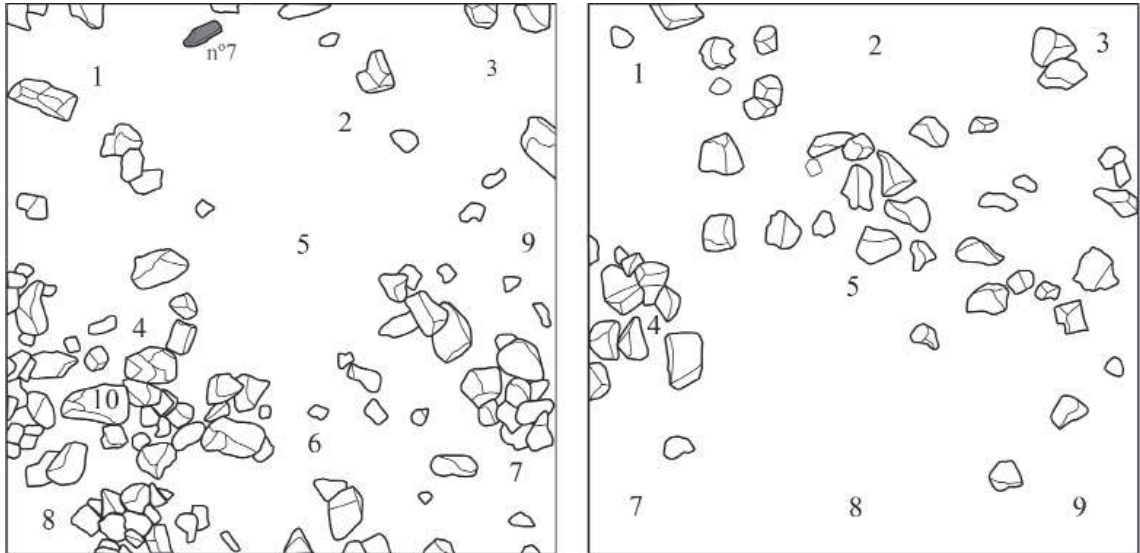


FIG. 3.5 - Toledo: o topo da camada de concheiro é marcado pela presença de inúmeros calhaus angulosos com origem na dinâmica de vertentes. À esquerda, quadrado T43 (nível 11); à direita, quadrado R43 (nível 12).

Camada A1: de sedimento argilo-arenoso de cor castanho-acinzentado. Corresponde a um episódio de reactivação da dinâmica de vertentes. A presença de vestígios arqueológicos nesta camada tem sobretudo origem no revolvimento da camada arqueológica subjacente pelas actividades agrícolas.

Camada A: de sedimento areno-argiloso de cor castanho-claro e muito compacto. Corresponde ao mesmo depósito de vertente já muito remexido pelas práticas agrícolas. Tal como em A1, encontram-se documentados materiais arqueológicos provenientes, maioritariamente, dos níveis subjacentes.

3.3. A formação do contexto arqueológico mesolítico: leitura horizontal

Conjugando os dados de natureza arqueológica e sedimentar com o estudo, condições de jazida e organização das diversas componentes artefactuais documentadas na jazida, é possível estabelecer um cenário plausível sobre o processo de formação do contexto arqueológico mesolítico. Para além da determinação da unidade geológica em que se processou efectivamente essa ocupação (Camadas B ou C?), esse cenário inclui naturalmente outro tipo de situações relacionadas com as próprias modalidades de ocupação e de gestão do espaço por parte das comunidades humanas que aqui se instalaram. Toledo, tal como a esmagadora maioria dos contextos arqueológicos acumulados por populações de caçadores-recolectores nómadas, formou-se no decurso de várias passagens, de estadias distintas no tempo mas efectuadas provavelmente no quadro dos mesmos intuitos funcionais. A colecta e o consumo

de alimentos de origem aquática, em particular de moluscos bivalves, constituiriam talvez o pólo de atracção principal para estas comunidades humanas. Mas não só. O local oferecia outras potencialidades cinegéticas que foram igualmente exploradas e aproveitadas.

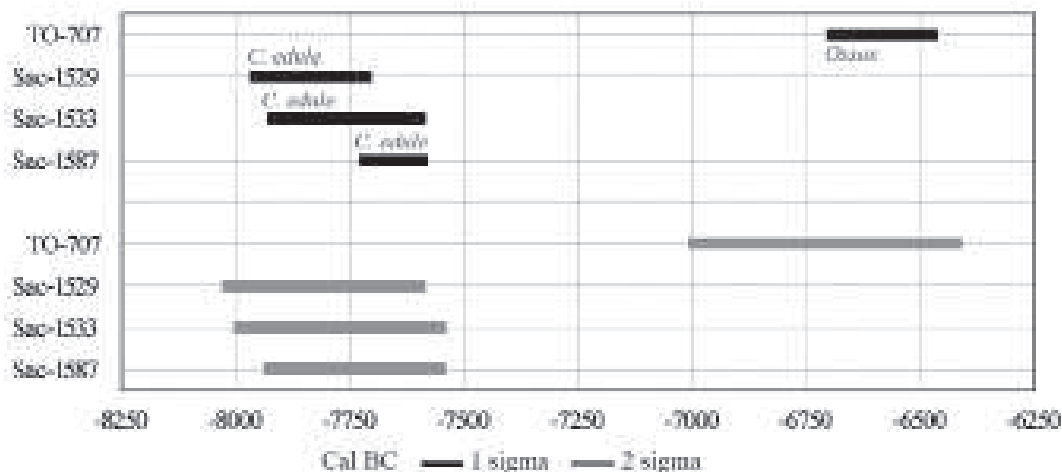
Assim, quando os primeiros grupos humanos se instalaram no local, presume-se que no quadro de uma estadia curta, o solo que pisaram não seria uniforme considerando o tipo de sedimentos que se encontraria então à vista: as terras aí acumuladas, com origem nas vertentes, teriam sofrido já processos de erosão diferencial pondo à vista, em alguns sectores, as aluviões que constituem o elemento de terraço (Fig. 3.6). Este cenário explicaria a presença, tal como observado no decurso dos trabalhos de escavação, das Camadas B (de origem coluvionar) e C (de origem fluvial) lado a lado sobre um mesmo plano, ambas contendo vestígios arqueológicos produzidos no âmbito de um mesmo contexto de ocupação.



FIG. 3.6 - Toledo: reconstituição mais parcimoniosa do processo de formação do concheiro mesolítico. D – substrato jurássico; C – aluviões do terraço fluvial, sem continuidade lateral; B – depósito de coluvião parcialmente erodido em alguns sectores.

As comunidades humanas aproveitaram todo o tipo de recursos de origem terrestre e aquática que se encontrava disponível no local ou nas suas proximidades (Capítulos 6 e 7), produzindo as ferramentas em pedra necessárias à sua aquisição e tratamento (Capítulos 4 e 5). Mas também interferiram no solo, abrindo fossas e até depressões para acolherem zonas de fogo, tal como confirmam os termoclastos documentados durante o processo de escavação, mas infelizmente já deslocados do seu contexto original (Capítulo 9). As ocupações mesolíticas sucederam-se, tal como o processo de sedimentação (e de erosão), não sendo possível estimar, contudo, nem o número de estadias, nem a periodicidade, nem os limites temporais envolvidos. O estudo da cultura material acumulada no decurso destas passagens não revelou quaisquer indícios que sugiram alterações no sistema tecnológico e nas estratégias de subsistência das comunidades de caçadores-recolectores que aqui se instalaram. Os resultados das datações radiométricas obtidas sobre amostras de conchas provenientes de duas áreas distintas de escavação, uma na Propriedade A e outra na Propriedade B (Fig. 3.7), apontam para um período de ocupação máxima que se situará, *grosso modo*, entre os 400 e os 500 anos, posicionando ao mesmo tempo o contexto no Mesolítico Inicial (período Boreal). Mais interessante ainda é verificar que amostras procedentes de níveis artificiais afastados entre si (considerando o plano vertical), e numa zona onde não foi detectada qualquer estrutura de tipo fossa, por exemplo, apresentam resultados estatisticamente idênticos.

Existe, porém, uma datação (TO-707) efectuada sobre um conjunto de sete ossos exumado em 1986 na Sondagem F7 (trabalhos de David Lubell na Propriedade A) que é bastante



N.º Lab	Quadrado	Camada/Nível N.º	Amostra	Idade (bp)	$\pm 1\sigma$	Cal BC 1 σ	Cal BC 2 σ	Obs
TO-707	F7	154cm below surface	conjunto de ossos	7800±110		6702-6463	7001-6411	Lubell
Sac-1529	T45	B1.113	Circunferência <i>edule</i>	8200±70	8200±80	7967-7705	8038-7585	Amêijo
Sac-1533	T45	D1.158	Circunferência <i>edule</i>	8130±80	8140±90	7918-7584	8003-7540	Amêijo
Sac-1587	K13	B12	Circunferência <i>edule</i>	9800±80	9820±70	7729-7381	7937-7341	Amêijo

FIG. 3.7 - Toledo: datações de radiocarbono.

mais recente (do Atlântico: Mesolítico Final), estando em clara discordância com os resultados obtidos sobre as amostras de conchas. Existem, no entanto, fortes razões para considerar sob reserva esta datação pela seguinte ordem de ideias:

- 1) A amostra foi recolhida já na base da camada de concheiro (ver Fig. 3.1: A), a cerca de 154 cm de profundidade (Camada 2; Lubell, *com. oral*); ou seja, no interior do mesmo contexto geoarqueológico que forneceu resultados radiométricos mais antigos, do período Boreal, sobre amostras de conchas de moluscos (Sac-1529 e Sac-1587). A amostra Sac-1587, por exemplo, foi recolhida no nível 12 de K13 (ver Fig. 3.1:B), um dos mais ricos do ponto de vista arqueológico, quer em termos quantitativos, quer qualitativos. É também neste nível 12, e em perfeita associação com a componente malacológica, que surgem os restos faunísticos exumados em qualquer um dos quadrados escavados em 1995 na Propriedade A. A sequência estratigráfica observada em 1986 na sondagem F7 não apresenta, por outro lado, variações significativas em relação aos sectores escavados entre 1995 e 1998 nas propriedades A e B.
- 2) O contexto onde foram recolhidos os ossos da amostra TO-707 é definido da seguinte forma “*In levels 145 cm to 150 cm bs, and 150 cm to 155 cm bs of unit F7, the high frequency of rock and bone, including deer, pig and fish, and the presence of charcoal and a higher frequency of lithic waste may be indicative of an activity area, possibly a hearth or other processing location. This feature lies at the base of the midden, resting on brown sandy deposits; and it may represent the earliest occupation of the site, dated (level 145 cm to 150 cm bs) to 7800 ± 110 bp* (Lello, 1990);
- 3) Tratando-se exactamente do mesmo contexto arqueológico, não é possível conceber um cenário baseado na hipótese de a componente malacológica ter sido acumulada

durante o Mesolítico Inicial, e os restos faunísticos estarem apenas, ou maioritariamente, associados a uma ocupação do Mesolítico Final. O estudo da componente faunística de origem terrestre e aquática apresentado nos Capítulos 6 e 7 mostra que esta hipótese não é sustentável;

4) Segundo David Lubell “*The sample appeared to be in situ, but I was concerned about possible downward displacement due to burrows which were common in the deposit. At precisely the same depth, but not in direct association, we found several sherds of what appeared to be prehistoric pottery*” (Lubell, por correio electrónico de 19 de Julho de 1998).

Parece assim mais parcimoniosa a hipótese de estarmos perante uma amostra contaminada, que agrupa fragmentos de osso com cronologias distintas (tratando-se, por isso, de uma média), acumulados no interior do mesmo nível arqueológico em resultado de alterações de natureza pós-deposicional.

3.4. A alteração do contexto arqueológico mesolítico: leitura vertical

As actividades agrícolas, em particular a abertura de valas profundas para a plantação de vinhas, alteraram significativamente o contexto arqueológico acumulado durante o período boreal. A presença de artefactos líticos, calhaus rubefactos e de inúmeros pequenos fragmentos de conchas no interior das Camadas A e A1 deve-se, sobretudo, ao revolvimento do depósito de concheiro. Estas alterações, observadas em todos os sectores escavados mas com maior incidência na área de escavação aberta na Propriedade B, são igualmente confirmadas pela presença de fragmentos de telha moderna, plásticos e de outros materiais de época recente inseridos no interior das próprias Camadas B, C e mesmo D.

Foram, por outro lado, registados materiais arqueológicos que não podem ter sido produzidos no decurso da ocupação boreal (*i.e.*, no Mesolítico Inicial), quer à superfície, quer no interior da Camada A (ou A1), quer ainda nos níveis mais profundos da sequência (Camadas B e C):

a) um conjunto pouco numeroso de fragmentos de cerâmica lisa, de fabrico manual, que se encontrava aleatoriamente disperso, considerando ambos os planos vertical e horizontal (Fig. 3.8);

b) quatro pequenas lamelas debitadas por pressão e com sinais de tratamento térmico (Fig. 3.9: A). Um dos exemplares, apesar de não remontar, foi extraído de um núcleo piramidal que apresenta igualmente sinais de tratamento térmico. Este pequeno conjunto de artefactos foi fabricado a partir de um sílex opaco de cor creme claro/acinzentado (Cenomaniano), cujas fontes de aprovisionamento mais próximas, já em posição secundária, se encontram localizadas a cerca de 10 km do sítio (ver Capítulo 4). A esmagadora maioria dos artefactos líticos produzidos no contexto da ocupação boreal foram, pelo se lado, fabricados a partir de rochas siliciosas que incluem também jaspes e calcedónias, em regra de má fractura concoidal, presentes nas mesmas fontes secundárias atrás referidas. Os afloramentos primários de origem destas matérias siliciosas, atribuídas ao Eoceno, encontram-se localizados na Bacia de Runa (ver Capítulo 4 e Fig. 4.1).

c) seis lamelas em sílex de cor castanho-avermelhado (Cenomaniano) debitadas com recurso à técnica da percussão indirecta (Fig. 3.9: B). Os núcleos que deram origem a estes suportes não se encontram representados na jazida. Dois trapézios e um pequeno microburil (ver Fig. 3.9: B), obtidos a partir deste mesmo sílex, podem estar eventualmente associados a este contexto de produção lítica.

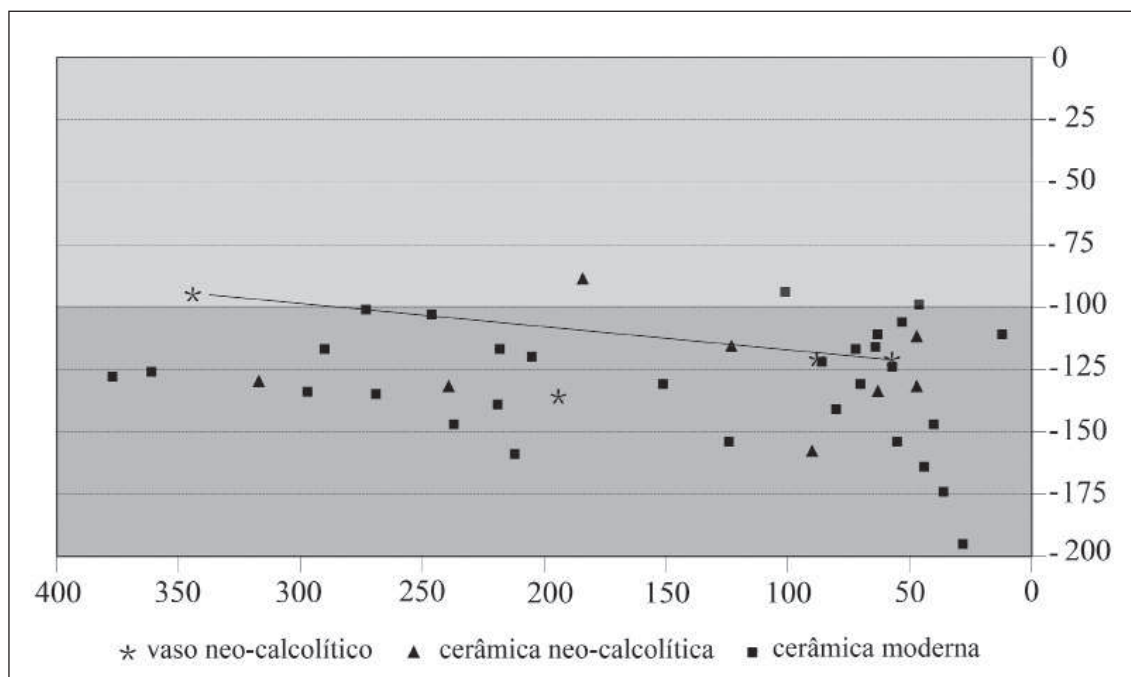


FIG. 3.8 - Toledo: projecção, sobre plano vertical, dos fragmentos cerâmicos com provável cronologia neo-calcolítica e os de época moderna. Os fragmentos do vaso neo-calcolítico colam entre si. Não foram incluídos, nesta figura, os fragmentos de cerâmica moderna presentes no interior da Camada A. A mudança da cor de fundo do gráfico corresponde ao topo da camada de concheiro.

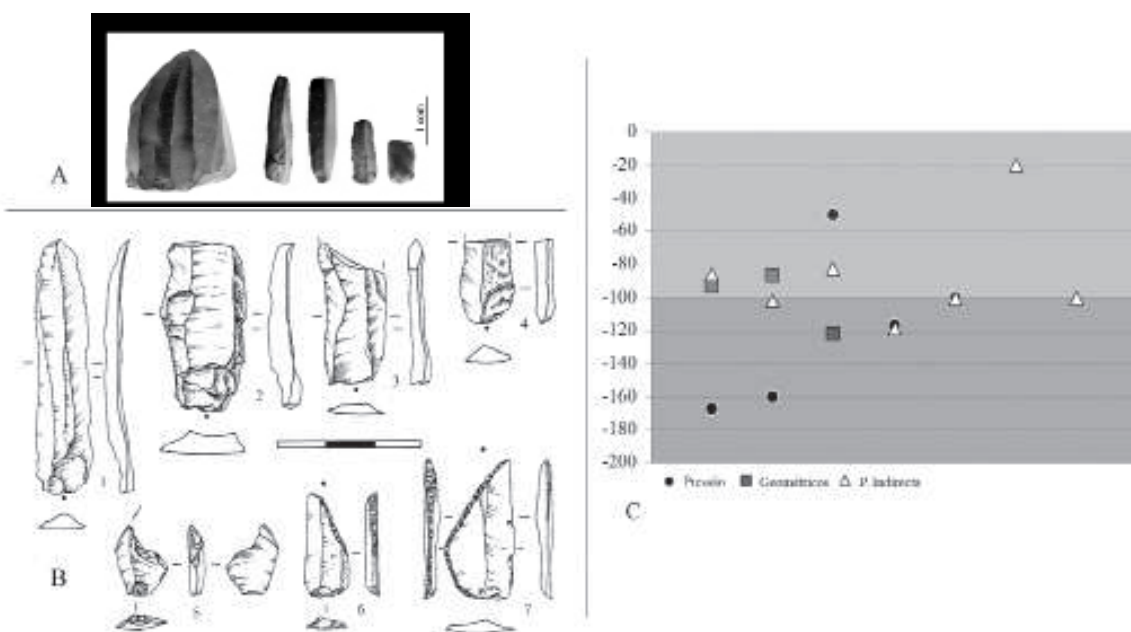


FIG. 3.9 - Toledo: A. núcleo piramidal e quatro pequenas lamelas debitadas por pressão e com sinais de tratamento térmico; B. 1-4: lamelas debitadas por percussão indirecta; 5: microburil; 6-7: geométricos; C. projecção, sobre plano vertical, da produção lítica que se encontra em dessintonia com a ocupação mesolítica (com provável origem no neo-calcolítico). A mudança da cor de fundo do gráfico corresponde ao topo da camada de concheiro.

Tudo leva a crer que os artefactos apresentados nas alíneas a), b) e c) foram gerados no contexto de uma ocupação mais recente que teve lugar algures nas proximidades do local (a meio da vertente, por hipótese), com provável origem no Neolítico Final/Calcolítico¹. Considerando, por outro lado, a sequência estratigráfica posta a descoberto e os processos de sedi-

mentação envolvidos, a Camada A teria necessariamente que ser o receptáculo dessa ocupação, mesmo admitindo as profundas alterações desta fatia do depósito pelas actividades agrícolas. A presença de cerâmicas e de outros artefactos produzidos no decurso deste episódio de ocupação no interior do depósito de concheiro tem origem em factores de natureza pós-deposicional recente.

3.5. Estabelecer os patamares de confiança do registo arqueológico

A análise tafonómica e crítica de toda a sequência escavada mostra que, não excluindo eventuais erros de atribuição que sempre existem, a esmagadora maioria da Arqueologia presente no sítio de Toledo pertence a um mesmo quadro crono-cultural (do Mesolítico Inicial), mesmo tendo em conta que a formação de um contexto deste tipo resulta, em regra, da sobreposição e justaposição de vestígios acumulados em diversas passagens, na maioria dos casos não discerníveis à escala do radiocarbono e raramente passíveis de individualização espacial e estratigráfica. Nessas diferentes passagens foram processadas actividades que poderão ter alterado e mesmo destruído vestígios e estruturas acumulados em momentos anteriores. Assim, para além da destruição parcial do depósito de concheiro pelas actividades agrícolas recentes (trazendo para os níveis sobrejacentes vestígios acumulados no decurso dessa ocupação e, num processo oposto, a intrusão de outros, de cronologia mais recente, para o inte-

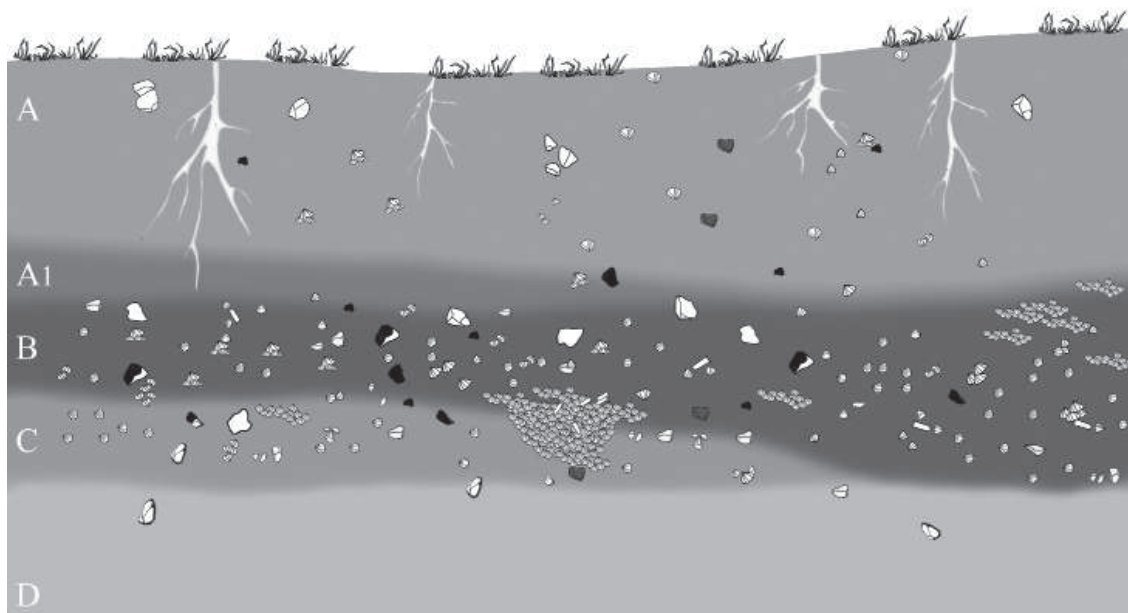


FIG. 3.10 - Toledo: processos de alteração do contexto arqueológico. Reconstituição esquemática, em perfil, dos acontecimentos naturais e antrópicos que tiveram lugar ao longo da fatia de tempo representada em Toledo. As camadas arqueológicas onde se processou a ocupação mesolítica (ou as várias passagens mesolíticas) sofreram processos de erosão; a transição entre camadas torna-se difusa; os restos materiais mesolíticos são afastados das suas posições originais e disseminam-se ao longo da sequência, num trajecto vertical e horizontal. Alguns comportamentos preservam, contudo, as condições originais de deposição. O processo de sedimentação continua, intercalado por episódios de erosão, recebendo o contributo de restos dispersos e fragmentários de um outro episódio de ocupação, mais recente, que terá tido lugar algures nas proximidades do local. As actividades agrícolas acabam por interferir de forma ainda mais dramática na sequência aqui representada, ao puxarem para a superfície materiais oriundos do contexto de concheiro e, num processo oposto, o enterro de outros, bem mais recentes (inclusive de época moderna) para os seus níveis mais profundos.

rior desse mesmo depósito), existem outros factores que interferiram nas condições de deposição original dos vestígios e cuja responsabilidade deverá ser imputada às próprias populações que por aqui passaram no decurso das várias estadias mesolíticas. A erosão é outra constante ao longo dos tempos, cujo alcance nem sempre é possível estimar dada a quantidade e diversidade de factores que interferiram nas condições de deposição e de alteração das várias sequências postas a descoberto em Toledo.

Os concheiros são um tipo de sítio extremamente complexo quanto aos processos de formação e quanto ao tipo e quantidade de vestígios que os compõem. São, por natureza, amontoados de detritos, verdadeiras lixeiras de refeições que aí tiveram lugar ao longo de várias gerações e cujo menu foi maioritariamente composto, em termos quantitativos e não de biomassa, por conchas de moluscos bivalves. Se a Fig. 3.6 exemplifica, recorrendo a diversas ferramentas de análise tafonómica, o processo de formação do concheiro mesolítico, a Fig. 3.10 retrata a realidade documentada no decurso dos trabalhos de escavação.

O processo de avaliação da integridade do sítio permitiu, não só, estabelecer quais os patamares de confiança necessários para levar a cabo o estudo das diversas componentes artefactuais, cujos resultados se apresentam nos próximos capítulos, como proceder à caracterização paleo-antropológica dos comportamentos que aí tiveram lugar.

NOTA

- ¹ Que tipo de contexto terá gerado a produção destes artefactos é-nos totalmente desconhecido. Os vestígios não são nem suficientemente representativos (em número e em tipo), nem a sua distribuição espacial e vertical obedece a qualquer padrão.